

# Por uma Pedagogia do Letramento Racial com base na obra *O racismo explicado à minha filha*, de Tahar Ben Jelloun

*For a Pedagogy of Racial Literacy based on Racism explained to my daughter, by Tahar Ben Jelloun*

DJIBY MANÉ

Professor Adjunto no curso de Licenciatura em Educação do Campo - LEdoC (UnB)  
E-mail: djibym@gmail.com

---

**Resumo:** A natureza humana é repleta de preconceito, raiva e ódio pelos mais diversos motivos: cor de pele, gênero, opção sexual, deficiência, tipo físico, condição econômica etc. A escola, por exemplo, em virtude do lugar especial que ocupa, ecoa as discriminações na sociedade e, por meio de função institucional que lhe é própria, tem potencial para reforçar tais discriminações com base nas práticas pedagógicas – às vezes, benevolentes –, nos preconceitos inconscientes ou nos livros didáticos ali existentes que reproduzem estereótipos. Prevenir contra tal deriva social, combatê-la e conscientizar sobre ela faz parte dos objetivos da sociedade e, portanto, da escola. Nesse sentido, o presente estudo, com base nas nuances do Letramento Racial, fazendo uso da Análise de Dados Textuais, observou trechos da obra intitulada *O racismo explicado à minha filha*, de Jelloun (2000), no intuito de promover a reflexão e a conscientização sobre a problemática racial. Por conseguinte, salientou-se a busca do estabelecimento de pontes não com o Outro, mas, sim, com o Nós, via relações iguais e justas, em prol de uma sociedade inclusiva e igualitária. Como fundamentação teórica, fez-se uso dos ideais de Guinier (2004), Kareem (2019), King (2016), Sealy-Ruiz (2017), Twine (2004) e Vetter e Hungerford-Kressor (2014). De cunho qualitativo e exploratório, com base em pesquisa bibliográfica e em perguntas e respostas no campo lexical do racismo, concluiu-se que com a Pedagogia do Letramento Racial os alunos podem ser letrados racialmente.

**Palavras-chave:** Letramento. Raça. Discriminação.

**Abstract:** Human nature is full of prejudice, anger, and hatred for most reasons: skin color, gender, sexual option, disability, physical type, economic condition, etc. The school, for example, by the special place it occupies, echoes the discriminations in society and, through its institutional function, has the potential to reinforce such discriminations based on pedagogical practices - sometimes benevolent - on unconscious prejudices or on textbooks that reproduce stereotypes. Preventing such social drift, fighting it, and raising awareness about it is part of society's goals and, therefore, of the school. In this sense, the present study, based on the nuances of Racial Literacy, making use of Textual Data Analysis, observed excerpts from the book *Racism Explained to My Daughter* by Jelloun (2000) to promote reflection and awareness about racial issues. Therefore, the search for establishing bridges not with the Other but with the We was highlighted, via equal and fair relationships, in favor of an inclusive and egalitarian society. The ideals of Guinier (2004), Kareem (2019), King (2016), Sealy-Ruiz (2017), Twine (2004), and Vetter and Hungerford-Kressor (2014) were used as a theoretical foundation. Qualitative and

exploratory, based on bibliographic research, questions, and answers in the lexical field of racism, it was concluded that with Racial Literacy Pedagogy students can be racially literate.

**Keywords:** Literacy. Race. Discrimination.

---

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No ambiente de sala de aula, o triste fenômeno do racismo cada vez mais se faz presente nos relatos que convergem na afirmação de que a escola continua sendo um lugar particularmente sensível. Nesse viés, a instituição escolar que pretende preparar para a participação de todos na vida cívica não pode ignorar as questões que remetem ao fenômeno em comento, sendo necessário o entendimento de que ali a discriminação gera um sentimento de rejeição por parte de alguns alunos, acarretando-lhes insegurança, não pertencimento e abandono escolar.

A preocupação em garantir a todos um sentimento de pertença à turma e ao ambiente escolar, permitindo-lhes encontrar oportunidades de formação justa, exige que o tema “racismo” e outros correlatos sejam abordados pelos professores. Faz-se importante dispor de um conjunto de ferramentas que permita promover um ambiente ideal de discussão sobre racismo e de outras questões com os alunos.

A questão da discriminação no ambiente escolar é algo óbvio. A escola não é mais um santuário, mas é porosa em questões sociais e raciais que ocupam e preocupam a sociedade em geral. Nos moldes atuais, ela contribui para um modo de seleção fundamentalmente contrário à sua filosofia. Destarte, introduzir tal temática mostra-se como uma via de provocação para com os professores e para a sociedade em geral.

Nesse sentido, vale questionar: como o racismo tem se manifestado nas escolas e como pode ser combatido via Letramento Racial?

Ciente de que todas as formas de discriminação representam uma ameaça para a convivência, tem-se no Letramento Racial, por exemplo, um *modus operandi* de determinação que busca revigorar a conscientização do público jovem em parceria com as escolas. Os jovens estão no centro da luta contra a discriminação racial, no intuito de compreender e identificar suas consequências diariamente.

A fim de lutar contra a discriminação racial, o Letramento Racial mostra-se importante, pois questiona o racismo, a discriminação e/ou a segregação racial nas escolas, uma vez que os alunos ali partícipes são jovens com histórias próprias, que o ambiente escolar deve levar em consideração. Aqui não se pode dar espaço à passividade, à negação da dimensão étnica e racial, sendo necessário contribuir, direta ou indiretamente, para o entendimento da ação discriminatória.

Diante do exposto, o presente estudo recorreu aos ideais de Guinier (2004), Kareem (2019), King (2016), Sealy-Ruiz (2017), Twine (2004) e Vetter e Hungerford-Kressor (2014). Para evidenciar como pode ser trabalhada a questão do Letramento Racial no ambiente escolar, foram analisados trechos da obra intitulada *O racismo explicado à minha filha*, de Jelloun (2000).

Assim, além das considerações iniciais e finais, as linhas que se seguem foram articuladas em três partes: 1) apresentação das bases teóricas sobre o letramento racial; 2) descrição do contexto metodológico da pesquisa, caracterizando o tipo de

metodologia adotada e o método de coleta e análise de dados; 3) análise de dados que se refere a como pode ser trabalhada a questão do Letramento Racial na escola, com base no estudo de trechos da obra de Jelloun (2000).

## 2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O LETRAMENTO RACIAL

A fim de descobrir e entender o mundo vigente – cada vez mais complexo e em constante mudança –, os alunos devem fazer valer a confiança e os reflexos intelectuais necessários para adquirir, criar, construir, combinar e comunicar as informações nos mais variados contextos – necessidade que lhes obrigam a ir além das habilidades básicas de ler, escrever e resolver problemas aritméticos simples.

Nesse sentido, o Letramento Racial consiste em criar condições que, por meio de habilidades de processamento de informações, façam com que os alunos utilizem a escrita para aprender, entender e discutir questões raciais.

O Letramento Racial como ferramenta no contexto escolar consiste em conscientizar os alunos e a comunidade escolar sobre a questão visceral do racismo. Nesse viés, é preciso questionar: o que é Letramento Racial?

Segundo Sealey-Ruiz (2017, p. 129), o Letramento Racial é:

Uma habilidade e prática em que os indivíduos são capazes de sondar a existência de racismo e examinar os efeitos da raça e dos sistemas institucionalizados em suas experiências e representações na sociedade estadunidense.

A expressão “Letramento Racial” tem como precursor o sociólogo France Winddance Twine (2004), que buscou categorizar as práticas que mães brancas de crianças birraciais no Reino Unido utilizavam para ensinar a consciência racial e uma identidade negra positiva para seus filhos.

Nesse contexto, em paráfrase, Vetter e Hungerfort-Kressor (2014, p. 84) observaram que o letramento racial

[...] significa ouvir e apreciar experiências diversas e desconhecidas, reconhecer como fazer perguntas, ver as questões raciais através de uma lente crítica que reconhece os aspectos atuais e institucionais do racismo e conversar mesmo quando é difícil ou desajeitado. Assim, uma pessoa racialmente letrada aborda a raça de maneiras que reconhecem a raça como um problema estrutural e não individual, vê os debates com um contexto democrático, entende que as identidades raciais são aprendidas e facilita a resolução de problemas dentro da comunidade (Guinier, 2004; Twine 2004). (Tradução minha).

Também conhecido como consciência racial, o Letramento Racial se refere à percepção e à compreensão mais profunda de raça por um indivíduo. Ele opera como

uma ferramenta para discutir, por meio da língua, ideias mais complexas sobre raça e uma compreensão crescente de como o racismo opera em suas múltiplas formas.

Depois de Twine (2004), com abordagens diferentes, vale destacar outros estudos sobre a temática em comento. Grayson e Wolfsdorf (2019), por exemplo, observam que a expressão “Letramento Racial” tem sido amplamente utilizada para descrever a compreensão do(s) papel(eis) que a raça desempenha em todos os aspectos da sociedade, em especial, nos Estados Unidos da América (EUA).

Originado na Sociologia, o Letramento Racial logo foi aplicado na área de ensino do Inglês, abordando questões referentes às metodologias de ensino e na área de formação de professores (TWINE, 2004). Sobre a questão, Grayson e Wolfsdorf (2019, p. 17-18) asseveram:

Os pesquisadores estudaram a pedagogia do letramento racial nas aulas de redação em inglês em todos os níveis, desde a educação infantil (Husband; Rogers e Mosley, “*Racial Literacy*”) e artes da língua inglesa secundária (Vetter e Hungerford-Kressor) às salas de aula de redação em *campi* racialmente diversos (Grayson; Sealey-Ruiz) e racialmente homogêneos (Winans). O letramento racial na formação de professores (Rogers e Mosley, “*A Critical Discourse*”; Sealey-Ruiz e Greene; Skerrett) prepara novos professores para trabalhar em diversos ambientes e questionar como seus entendimentos de raça são influenciados por desigualdades sociais mais amplas e estereótipos da mídia (Tradução minha).

Conforme seus objetivos, o Letramento Racial em escolas se preocupa com a conscientização de alunos e de professores no tocante à origem e à problemática do racismo. Tem-se aí, portanto, um desafio, uma vez que o racismo parece um tabu no contexto escolar.

Por não constar nos currículos das escolas, o racismo mostra-se como uma temática que faz eco, em geral, em datas comemorativas, como, por exemplo, em 20 de novembro – Dia da Consciência Negra.

Em sua execução no âmbito escolar, o Letramento Racial obedece aos seguintes critérios estabelecidos por Grayson e Wolfsdorf (2019, p. 18):

1. reconhecimento do racismo como um problema contemporâneo e não histórico;
2. consideração das maneiras pelas quais raça e racismo são influenciados por outros fatores, como classe, gênero e sexualidade;
3. compreensão do valor cultural da branquitude;
4. crença na construção e socialização da identidade racial;
5. desenvolvimento de práticas de linguagem através das quais discutir raça, racismo e antirracismo;
6. capacidade de decodificar raça e racismo.

Assim, faz-se importante lutar contra o racismo via leituras, discussões e produções de textos relacionados à questão racial. E por envolver tais habilidades linguísticas, corrobora-se o pensamento de Grayson e Wolfsdorf (2019), para os quais o Letramento Racial é um letramento, ou seja, sendo uma ferramenta de luta contra o racismo (antirracismo), é também um antirracismo.

O antirracismo, como processo ativo contra o racismo, deve entender como a ideologia racial é fabricada, além de enfrentar as desigualdades raciais via políticas e práticas próprias (KING, 2016). Nesse sentido, enfrentar o racismo na escola é uma ação de construção de uma cultura, uma socialização ampla e diversa, em prol da superação do medo pela curiosidade e pelo desejo de descoberta dos alunos.

Para Kareem (2019, p. 288), o antirracismo exige pedagogias e práticas nas quais “as perspectivas epistemológicas eurocêtricas e os discursos da branquitude sejam descentrados”.

### 3 DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA ADOTADA

O presente estudo faz parte do paradigma qualitativo que, segundo Creswell (2010, p. 26), explora e entende “o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano”. Assim, tem-se o envolvimento de pesquisas empreendidas fazendo uso de palavras e dados textuais.

A pesquisa qualitativa, em geral, tem sua ação em pesquisas exploratórias, cujo objetivo é “desenvolver ideias com vista a fornecer hipóteses em condições de serem testadas em estudos posteriores” (GIL, 2010, p. 152). Tais tipos de pesquisas tendem a ser mais flexíveis em seu planejamento, pois pretendem observar e compreender os mais variados aspectos referentes ao fenômeno estudado pelo pesquisador.

Por se concentrar na revisão de documentos, as linhas que se seguem observaram os preceitos do estudo exploratório via pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2010, p. 529), “é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, essa modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos”.

Diante do exposto, o procedimento bibliográfico se enquadra no presente estudo, pois foram utilizados artigos publicados e disponíveis na *web*, além de livros físicos, tendo por norte colocar o pesquisador em contato com o que já se produziu e registrou a respeito do tema de pesquisa. Tais vantagens revelam o compromisso da qualidade da pesquisa.

#### 3.1 MÉTODO DE COLETA DE DADOS

Para a coleta dos dados que serviram de base para a presente pesquisa, fez-se o levantamento de artigos e livros sobre os temas “racismo” e “Letramento Racial”. Os artigos foram de fundamental importância para entender o conceito de Letramento Racial, ao passo que os livros selecionados visaram à questão da luta antirracista.

Entre os artigos selecionados, têm-se os seguintes: Guinier (2004), Kareem (2019), King (2016), Sealy-Ruiz (2017), Twine (2004) e Vetter e Hungerford-Kressor (2014), sobre o tema “Letramento Racial”. Já em relação aos livros selecionados, têm-se

os que se seguem: *Rosa: Rosa Parks*, de Bauerfeldt (2019); *Martin e Rosa: Martin Luther King e Rosa Parks, unidos pela igualdade*, de Frier e Zaü (2014); *Vovô Mandela*, de Ziwelene e Mandela (2018), que tratam das figuras históricas da luta contra o racismo; e *O racismo explicado à minha filha*, de Jelloun (2000) – literaturas específicas para o público infantil, uma vez que o combate ao racismo deve começar na tenra idade, de fácil leitura e entendimento pelo caráter multimodal e acessível a todas as idades.

Destarte, a coleta de dados teve por base: a) a leitura exploratória do material selecionado (leitura rápida, que objetiva verificar se a obra consultada é de interesse para o trabalho); b) a leitura seletiva (leitura mais aprofundada das partes que mais significativas para a pesquisa); e c) o registro das informações extraídas das fontes em instrumento específico (autores, ano, método, resultados e conclusões). Assim, fez-se a escolha da obra de Jelloun (2000), analisada na quarta parte do presente estudo.

### 3.2 MÉTODOS DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Em prol da análise dos dados coletados na pesquisa, recorreu-se à metodologia de Análise de Dados Textuais (ADT), que, segundo Fallery e Rodhain (2007, p. 1), “reúne métodos que visam descobrir as informações ‘essenciais’ contidas em um texto”. Nesse viés, aqueles autores distinguem quatro abordagens principais para a execução de uma ADT, quais sejam:

- 1) Abordagem lexical (lexicometria): descreve a problemática do racismo via campo lexical;
- 2) Abordagem linguística: responde ao questionamento “como falamos sobre isso?” – aqui utilizada em Jelloun (2000), em um texto escrito em forma de diálogo, no intuito de letrar racialmente a sua filha;
- 3) Abordagem de mapeamento cognitivo: responde ao questionamento “como estruturar um pensamento?”; e
- 4) Abordagem temática para interpretar o conteúdo: aqui, o tema trata do racismo, seus conceitos e como é possível enfrentar uma luta antirracista.

Com o intuito de analisar a linguagem utilizada em Jelloun (2000), a fim de perceber, por meio de palavras (léxico), a concepção de racismo, bem como de muitas palavras do mesmo campo lexical, a presente pesquisa entendeu que a abordagem lexical é a que mais tem a ver com a análise aqui proposta. Nesse sentido, para abordar essa problemática, entendeu-se que tal abordagem pode ser complementada por uma análise semântica que consiste em determinar os conceitos aos quais as palavras exploradas se referem.

## 4 A PEDAGOGIA DO LETRAMENTO RACIAL COM BASE NA OBRA O RACISMO EXPLICADO À MINHA FILHA, DE TAHAR BEN JELLOUN

De fácil leitura, a obra escrita em forma de diálogos, intitulada *O racismo explicado à minha filha*, de Jelloun (2000), tem o mérito de tratar, com clareza, da compreensão de noções e conceitos complexos acerca do racismo. É uma estratégia adaptada a um vocabulário e registro de linguagem comum e a uma discussão íntima entre pai e filha.

Em forma de perguntas e respostas, tal história notavelmente sintetizada, visando como público-alvo crianças e adultos, levanta questionamentos que podem ser feitos em torno da delicada questão do racismo.

A fim de explicar a questão do racismo, Jelloun (2000) não hesita sobre a apresentação de definições simples e complexas sobre o termo em questão, explicando claramente a história da palavra (sua origem etimológica e evolução).

No diálogo, a filha faz perguntas simples e infantis, ao passo que as respostas abordam a questão do racismo e todos os elementos relacionados no campo lexical (racismo, racista, superioridade, diferença, discriminação, estrangeiro, colonialismo, melanina, genética, escravidão) com natural franqueza. Nas linhas que seguem, têm-se as análises de alguns desses conceitos.

#### 4.1 O QUE É RACISMO?

- Diga, papai, o que é o racismo?
- O racismo é um comportamento bastante difundido, comum a todas as sociedades, que, infelizmente, se tornou banal em certos países, porque às vezes não nos damos conta dele. Consiste em desconfiar, e mesmo desprezar pessoas que tenham características físicas e culturais diferentes das nossas (JELLOUN, 2000, p. 7).

Jelloun (2000, p. 7), partindo de uma definição elementar – o racismo “Consiste em desconfiar, e mesmo desprezar pessoas que tenham características físicas e culturais diferentes das nossas” –, se vê obrigado a esclarecer uma série de noções: “preconceito, fundamentalismo, diferença, discriminação”. Ele oportunamente recorda o quanto a doença racista ainda é virulenta no planeta: “Às vezes, mesmo entre aqueles que foram vítimas: o fato de haver sofrido uma injustiça não torna necessariamente alguém justo” (JELLOUN, 2000, p. 36).

De fato, o racismo consiste em priorizar outrem segundo sua cor de pele, língua, cultura, religião ou região de origem, dominando-as, rejeitando-as, discriminando-as ou maltratando-as apenas com base em critérios artificiais (JELLOUN, 2000). É um comportamento que traduz uma rejeição profunda, um ódio por aquele que se pensa não apenas diferente de si mesmo, mas por ser convencido a dominá-lo.

Na história da humanidade, muitos exemplos ilustram as injustiças que decorrem desse tipo de teoria e a violência das sociedades com base em teses racistas, como a política do *apartheid* na África do Sul, a escravidão, a colonização etc. Assim, acredita-se que o Letramento Racial na diversidade humana é a melhor arma contra o racismo.

O racismo não apareceu por acaso. A ideologia racista e as hierarquias e os privilégios que foram associados a ele têm suas origens, segundo Jelloun (2000, p. 42), na história colonial europeia:

- Você disse há pouco que o colonialismo dividia as pessoas... O que é o colonialismo? Também é racismo?

- No século XIX, países europeus como a França, a Inglaterra, a Bélgica, a Itália, Portugal ocuparam militarmente países africanos e asiáticos. O colonialismo é uma dominação. O colonialista considera que é seu dever, como homem branco e civilizado, levar a “civilização a raças inferiores”. Ele pensa, por exemplo, que um africano, por ser negro, tem menos aptidões intelectuais do que um branco, em outras palavras, que é menos inteligente.

A fim de justificar a exploração de continentes inteiros e a escravização de seus habitantes durante o período colonial, os europeus brancos se declararam a “raça” superior com uma reivindicação universal ao poder. Os habitantes das colônias, por outro lado, eram considerados inferiores, iletrados e incivilizados.

A tese da existência de diferentes “raças humanas” tem sido refutada pela pesquisa científica, isto é, não existem “raças” humanas. As diferenças intragrupais são geralmente muito maiores e mais diversas do que as intergrupais.

Em outras palavras, a divisão dos povos e a ideia de uma ordem natural do mundo somente serviram, desde o início, para justificar as reivindicações de dominação dos brancos europeus e os privilégios dali decorrentes. Nesse sentido, o racismo é uma construção, uma invenção de quem dele lucra, nascido dos interesses econômicos e territoriais específicos dos brancos.

#### 4.2 SUPREMACIA BRANCA

O racismo, sendo uma forma de pensar que exclui outrem, faz com que alguns seres humanos acreditem ser superiores a outros com base em sua religião, cor da pele ou modo de vida. Tem-se aí a ideia de que a espécie humana é composta por várias raças diferentes, ao passo que algumas dessas raças seriam “superiores”, enquanto outras seriam “inferiores”.

- O que é se acreditar superior?

- É, por exemplo, acreditar que, por termos a pele branca, somos mais inteligentes do que alguém com pele de outra coloração, negra ou amarela. Mas, na verdade, os traços físicos do corpo humano, que nos diferenciam, não implicam que uma raça seja melhor que outra (JELLOUN, 2000, p. 8).

- Como eles fazem para se sentir superiores?

- Acreditando e fazendo com que os outros acreditem que há desigualdades naturais de ordem física, ou seja, aparentes, ou de ordem cultural, o que lhes dá um sentimento de superioridade em relação aos outros (JELLOUN, 2000, p. 24-25).

Entretanto, se as pessoas são racistas, é porque acreditam que são superiores e porque desprezam quem tem origem, cor de pele ou cultura diferente.

Historicamente, a supremacia branca tem sido entendida como a crença de que as pessoas brancas são superiores às pessoas de cor. Como tal, a supremacia branca foi o motor ideológico dos projetos coloniais europeus e dos projetos imperiais americanos. Foi utilizada para racionalizar a dominação injusta de pessoas, o roubo de terras e recursos, a escravidão e o genocídio.

Como ideologia baseada em um complexo sistema de crenças que implica a supremacia dos valores e de normas culturais dos povos de origem europeia em relação a outros grupos humanos, a supremacia branca está enraizada na história (colonização e imperialismo) e nas instituições (justiça, educação etc.) construídas por essas nações. Ele vem em hábitos (linguagem, por exemplo), estruturas sociais, ações, gestos e crenças (incluindo estereótipos sobre pessoas não brancas) etc. Os “brancos” teriam, assim, o poder de dominar política, econômica e socialmente os “não-brancos” (ALMEIDA, 2019).

Como qualquer ideologia, tal supremacia branca não se baseia em gestos ou intenções conscientes e voluntárias de quem dela se beneficia, mas em preconceitos inconscientes e na validação regular do “senso comum”. O privilégio branco é central para a supremacia branca, que constantemente insinua que “não-brancos” são inferiores, insignificantes ou secundários.

O racismo é um conceito histórico de exclusão, hierarquia, tratamento desigual e humilhação de outrem com base em características externas. Uma atitude racista pressupõe que as pessoas pertencem a categorias de grupos claramente definidas (raça, etnia, nação, cultura, religião etc.).

Ao invés de perceber cada pessoa como um indivíduo, o racismo reduz as pessoas não brancas à sua suposta pertença a um grupo – muitas vezes, assume-se que tal pertença pode ser determinada por certas características externas (cor da pele ou roupa, por exemplo). Ao mesmo tempo, as pessoas consideradas brancas possuem uma infinidade de privilégios que são negados àquelas afetadas pelo racismo, que vivenciam ações de exclusão e desvantagem em diferentes níveis.

#### 4.3 O QUE É UM RACISTA?

“Ser racista é acreditar que existem raças e que algumas são superiores a outras” (JELLOUN, 2000, p. 18); ou seja, “[...] é aquele que pensa que tudo o que é diferente demais o ameaça em sua tranquilidade” (JELLOUN, 2000, p. 10).

De fato, a forma de se ver e a percepção que se tem do outro estão no cerne dos mecanismos do racismo e da discriminação. Nesse sentido, em Jelloun (2000, p. 20), a filha assim questiona sobre o conceito de racista:

- O que é um racista?
- O racista é aquele que, com a desculpa de não ter a mesma cor de pele, nem a mesma língua, nem a mesma maneira de festejar, acha que é melhor - digamos superior - do que aquele diferente dele. Ele continua acreditando que existe hierarquia entre as raças e diz para si mesmo: “Minha raça é bela e nobre; as outras são feias e grosseiras.

É sabido que pessoas racistas rejeitam pessoas diferentes porque não falam a mesma língua, não têm a mesma cor de pele, não praticam a mesma religião ou não têm os mesmos costumes. De fato, muitos têm preconceitos e medo do que não conhecem bem e do que é diferente deles.

As razões pelas quais uma pessoa, um grupo de pessoas ou mesmo uma sociedade podem adotar um comportamento ou ideologia racista são múltiplas e de vieses socioeconômicos, psicossociais, históricos ou políticos.

Em suma, os racistas se sentem superiores a outrem, valorizados por julgar aqueles de outra origem ou cor de pele que não a sua, porque se acham melhores ou até porque tais diferenças as assustam. Para eles, é mais fácil culpar aqueles que são diferentes do que assumir a responsabilidade por seus próprios problemas ou pelos problemas das sociedades vigentes. Mas, como ninguém nasce racista, como se tornar racista?

#### 4.4 COMO SE TORNAR RACISTA?

- Se atinge a todos, será que eu posso ser racista?
- Antes de mais nada, a natureza espontânea das crianças não é racista. Ninguém nasce racista. Se seus pais ou se as pessoas próximas não tiverem posto em sua cabeça ideias racistas, não há motivo para que uma pessoa o venha a ser. Se, por exemplo, fazemos com que você acredite que aqueles que têm a pele branca são superiores aos de pele negra, se levar a sério esta afirmação, não seria de se espantar que seu comportamento fosse racista em relação aos negros (JELLOUN, 2000, p. 7-8).

Qualquer pessoa pode, portanto, tornar-se racista, preta, branca, muçulmana, judia, cristã etc. Nessa toada, o racista acredita nos preconceitos e estereótipos que lhes foram transmitidos. Mas também pode mudar procurando saber, sendo informado e se conscientizado via Letramento Racial.

Em suma, assim como o ex-presidente da África do Sul, Nelson Mandela, asseverou que ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, acredita-se que a pessoa aprende a ser racista devido à influência da educação de seus pais, seus vizinhos e sua sociedade.

#### 4.5 DIFERENÇA

Outra discussão se dá sobre o termo “diferença”. Aqui vale pensar sobre os seguintes aspectos: estilo de roupa, sexo, opinião, cor da pele, religião, orientação sexual, cultura, nacionalidade, origem, condição social, altura, cultura, peso, cor do cabelo, idade, estado de saúde etc.

Diante do exposto, afinal, qual o verdadeiro significado do termo em questão? Como resposta, tem-se, assim, em Jelloun (2000, p. 9):

- Diferente?

- A diferença é o contrário da semelhança, do que é idêntico. A primeira diferença que salta aos olhos é o sexo. Um homem se sente diferente de uma mulher. E reciprocamente. Quando se trata desta diferença, há, em geral, atração. Em outros casos, aquele a quem chamamos de “diferente” tem uma cor de pele diferente da nossa, fala uma outra língua, cozinha de outra maneira, tem outros costumes, outra religião, outras formas de viver, de festejar etc. Há a diferença que se manifesta pelas aparências físicas (o tamanho, a cor da pele, os traços do rosto etc.), e há também a diferença do comportamento, das mentalidades, das crenças etc.

De fato, diferença é o que distingue ou opõe duas ou mais coisas. A palavra “diferença” pode, portanto, abranger muitos significados, como gênero, cor de pele, língua, comida, costumes, religião, comportamentos, mentalidades etc. – casos em que é entendida como sinônimo de marginalidade. Assim, a pessoa diferente seria, portanto, aquela que é marginal, julgada como aquela que não se enquadra em determinada norma.

O termo “diferença” pressupõe a existência de normas, padrões. Por vezes, este pode despertar o racismo, o medo do outro; logo, sua diferença. Mas somos todos iguais, de um corpo, de um coração e de sentimentos. Têm-se, portanto, em última análise, poucas coisas que distinguem os seres humanos e que constituem a identidade de cada um, que evolui ao longo da vida.

É sabido que a pessoa ideal ou perfeita não existe. Em qualquer ser humano, a diferença pode ser física ou moral, de caráter ou de pensamentos. Nesse viés, aceitar a diferença de outrem é um primeiro passo para a autoconfiança. A diferença é uma riqueza para si, para os outros, para a sociedade em que evoluímos.

Conforme o exposto, mostra-se importante que os pais expliquem de forma clara e colorida as noções de “diferença”, como bem fez Jelloun (2000), ao reiterar que a escola também tem um papel a desempenhar sobre a questão. A escola, sendo a “segunda família” de todos, é encarregada por repassar as regras da vida social e como conviver com o próximo. Portanto, as questões acerca do racismo necessitam de alguma abordagem em sala de aula.

#### 4.6 O QUE É UM ESTRANGEIRO?

Qualquer coisa que seja um pouco “original”, ou mais singularmente, qualquer coisa que se diga “diferente”, é necessariamente qualificada como anormal, estranha etc.

- O que é um estrangeiro?

- A palavra “estrangeiro” vem do vocábulo “estranho”, que significa de fora, do exterior. Ela designa aquele que não é da família, que não pertence ao clã ou à tribo. E alguém que vem de outro país, próximo ou distante, às

vezes, de uma outra cidade ou vilarejo. Isto resultou na palavra “xenofobia” que significa hostilidade aos estrangeiros, ao que vem do estrangeiro. Hoje, a palavra “estranho” designa algo extraordinário, muito diferente daquilo que temos o costume de ver. Ela tem como sinônimo o termo “extravagante” (JELLOUN, 2000, p. 11-12).

É preciso controlar-se e dizer “se tenho medo do estrangeiro, ele também terá de mim”. Somos sempre o estranho de alguém. Aprender a conviver é lutar contra o racismo (JELLOUN, 2000, p. 47).

No diálogo apresentado, Jelloun (2000) explica o conceito de estrangeiro partindo de sua etimologia: estranho. Devido a sua ambiguidade, o termo em questão pode se referir não só às pessoas estranhas, estrangeiras, esquisitas, bizarras, singulares, extraordinárias, mas também, simplesmente, às pessoas fora do comum.

O estrangeiro, nascido em outro lugar, implica inevitavelmente uma noção de relação com o outro, no sentido de alguém diferente’. Pode se referir a uma pessoa cuja nacionalidade não é a de um determinado país (em comparação com os nacionais, cidadãos do mesmo país) ou de uma pessoa que não faz parte de um grupo, sendo diferente, incomum.

A influência das preocupações societárias contemporâneas se expressa plenamente quando se trata de abordar a questão da autorrepresentação em relação ao outro, vivenciado como diferente. Tais questões societárias afetam, assim, o termo “estrangeiro”, podendo adquirir vários significados. Por conseguinte, o conceito de estrangeiro traz à tona algumas características diferentes (raça, etnia, religião, práticas sociais, aparência etc.) que permitem a uma sociedade desqualificar o outro como membro dela.

#### 4.7 O QUE PODE SER FEITO?

Diante da situação de racismo existente e persistente nas sociedades vigentes, em Jelloun (2000, p. 16) a filha assim questiona sobre o que pode ser feito para letrar racialmente as pessoas:

- Então, o que pode ser feito?
- Aprender. Educar-se. Refletir. Procurar compreender o mundo, mostrar-se curioso a respeito de tudo que tem a ver com o homem, controlar seus primeiros instintos, suas pulsões...

Convencido de que o único remédio para esse mal universal é a educação, com palavras simples e claras, Jelloun (2000) destaca o quanto é necessário olhar o mal de frente para melhor aprender a rejeitá-lo. O autor observa que é possível duvidar de que

o esforço essencial da reflexão em questão venha hoje dos adultos, sendo tal ação esperançosa junto às crianças, já que ao menos questionam sobre a temática em voga.

De fato, um mesmo assunto pode ser abordado de maneiras muito diferentes, dependendo do destinatário que se tenta alcançar. Nesse viés, a estratégia de Jelloun (2000) é sempre ponderada e eficaz, mesmo buscando despertar uma mente crítica ou criticando certas mentes que se tornaram muito acríticas.

Segundo Jelloun (2000, p. 7), se “ninguém nasce racista”, qualquer comportamento racista deve ter sido construído socialmente, principalmente na família. Logo, o papel da família e do ambiente é essencial para ajudar as crianças no entendimento das diferenças. Para tanto, não se deve hesitar em falar sobre as histórias ou mostrar-lhes filmes que falem de outras origens, de eventos históricos relacionados a comportamentos discriminatórios (Mandela, Parks, Luther King), de apresentar livros que tratam do assunto, a fim de ajudá-las a não propagarem certos estereótipos.

Em continuação, em Jelloun (2000, p. 49-50), a filha reitera seu questionamento:

- Então, há esperança...
- É preciso combater o racismo porque o racista é, ao mesmo tempo, um perigo e uma vítima.

Para “conviver” o mais harmoniosamente possível, entre os povos, parece muito útil aceitar-se, dialogar, ouvir, apesar das diferenças, sem julgar, sem desprezar uns aos outros, com o objetivo, sem dúvida, de trabalhar em um projeto positivo de vida que beneficie a todos, individual e coletivamente.

Assim, a melhor forma de combater o racismo é conhecer-se, fazer coisas juntos e propagar o respeito mútuo. Para tanto, a Pedagogia do Letramento Racial é essencial na formação de cidadãos orgulhosos de suas identidades individuais, capazes de empatia e compaixão, ávidos de justiça, que lutarão por uma sociedade onde preconceitos e estereótipos não têm lugar; cidadãos do mundo, esclarecidos, realizados e positivos.

No contexto escolar, vale acreditar no Letramento Racial pela busca da conscientização racial dos alunos. Tal ação visa reconhecer, através do ensino, o significado do conceito de raça, enquanto examina as conexões entre o racismo de hoje e a história do colonialismo (KAREEM, 2019). Nesse viés, o racismo não diz respeito somente aos atos individuais de preconceito, atitudes violentas, percepções negativas e estereótipos mantidos por certas pessoas.

Devido à história colonialista, o racismo está estruturalmente incorporado como prática nas escolas, culminando no racismo sistêmico, que reflete nas várias maneiras pelas quais o poder e o privilégio agem para discriminar estudantes negros, por exemplo.

Reconhecer a história da raça como uma construção social significa que o conceito de raça foi criado por pessoas, não apresentando base científica e/ou biológica, cujas consequências sociais são reais. Nesse sentido, um dos pontos-chave do Letramento Racial é que é o racismo que torna real o conceito de raça.

Questões de raça e diferença social são questões de poder e equidade. Em outras palavras, o Letramento Racial detecta uma conexão entre a cor da pele de uma pessoa e

sua capacidade de acessar poder e recursos. Ele está intimamente ligado à identificação e ao combate ao racismo, buscando cessar as hierarquias raciais que colocam os negros em patamar inferior.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratar da questão do Letramento Racial em prol da luta contra a discriminação racial em escolas tem por norte preparar os alunos para agir contra o racismo com responsabilidade, conhecendo os remédios e reafirmando o papel protetor de cada um, além de contribuir para o bem-estar coletivo e individual, a promoção da diversidade e da igualdade.

Segundo Guinier (2004), por envolver a adoção de uma compreensão mais matizada de raça, o Letramento Racial exige o repensar da raça como um instrumento de controle social, geográfico e econômico de brancos e negros.

Nesse viés, a escola deve se apresentar como um parceiro privilegiado, apoiando o aluno na construção de sua identidade: por um lado, respeitando as suas especificidades culturais; por outro lado, favorecendo as interações que permitam, em um diálogo com o outro, repensar a própria identidade.

Diante do exposto, vale questionar: como, de fato, explicar o racismo a uma criança? Pergunta importante que Jelloun (2000) foi convidado a responder em sua obra intitulada *O racismo explicado a minha filha*. Ali, em um texto construído em forma de diálogo com sua filha de dez anos, aquele autor se esforça para apresentar o racismo da forma mais simples – tarefa, de fato, nada simples.

Pedagogicamente, o racismo aparece em Jelloun (2000) como uma atitude subjetiva do indivíduo em relação ao outro, ou seja, o racismo como preconceito, com base no medo do estranho e/ou em um complexo de superioridade. Nesse ângulo, o racismo é, antes de tudo, um problema individual. Assim, mediante uma boa educação sob a ótica do Letramento Racial, uma criança pode ser impedida de se tornar racista, sendo encorajada a estar aberta à diversidade, esforçando-se para conviver com os outros e respeitando outrem para além das diferenças fenotípicas, culturais etc.

Diante dos desafios existentes em um mundo multicultural, a escola não pode justificar sua falta de intervenção pela não interferência na liberdade individual de cada um. Pelo contrário, é direito do aluno repensar o seu pertencimento, desenvolvendo uma autonomia de pensamento. E como as crianças estão em melhor posição do que ninguém para entender que ninguém nasce racista, mas que pode se tornar um, Jelloun (2000), sem dúvida, teria seu lugar nos programas escolares, uma vez que o Letramento Racial é a melhor forma de lutar contra o racismo e contra o medo do desconhecido.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BAUERFELDT, G. **Rosa**: Rosa Parks. Campinas, SP: Mostarda, 2019.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** Tradução: Magda Lopes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FALLERY, B.; RODHAIN, F. Quatre approches pour l'analyse de données textuelles: lexicale, linguistique, cognitive, thématique. *In: XVI ÈME CONFÉRENCE DE L'ASSOCIATION INTERNATIONALE DE MANAGEMENT STRATÉGIQUE AIMS*, Montreal, 2007. **Anais...** Montreal, 2007. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00821448/document>. Acesso em: 20 set. 2022.

FRIER, R.; ZAÛ. **Martin e Rosa: Martin Luther King e Rosa Parks, unidos pela igualdade.** Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2014.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GRAYSON, M. L.; WOLFSDORF, A. Courageous conversations in the age of the trigger warning. *In: DURODOYE, B. A.; BRYANT, R. M. (eds.). From disagreement to discourse: a chronicle of controversies in schooling and education.* Charlotte: Information Age Pub. Inc., 2019.

GUINIER, L. From racial liberalism to racial literacy: Brown v. Board of education and the interest-divergence dilemma. **The Journal of American History**, [S. l.], v. 91, n. 1, p. 92-118, jun. 2004. Disponível em: <https://edpolicy.stanford.edu/sites/default/files/publications/racial-liberalism-racial-literacy-brown-v-board-education-and-interest-divergence-dilemma.pdf>. Acesso em: 6 out. 2022.

JELLOUN, T. B. **O racismo explicado à minha filha.** Tradução: Mônica Seincman. São Paulo: Via Lettera, 2000.

KAREEM, J. A critical race analysis of transition-level writing curriculum to support the racially diverse two-year college. **TETYC**, [S. l.], v. 46, n. 4, p. 271-296, maio 2019.

KING, L. Black history as anti-racist and non-racist: an examination of two high school black history textbooks. *In: HUSBAND, T. (ed.). But I don't see color: the perils, practices, and possibilities of antiracist education.* Rotterdam: Sense, 2016, p. 63-79.

SEALY-RUIZ, Y. Talking race, delving deeper: the racial literacy roundtable series at teachers college, Columbia University. *In: PICOWER, B.; KOHLI, R. (eds.). Confronting racism in teacher education: counternarratives of critical practice.* New York: Routledge, 2017, p. 127-132.

TWINE, F. W. A white side of black Britain: the concept of racial literacy. **Ethnic and Racial Studies**, [S. l.], v. 27, n. 6, p. 878-907, nov. 2004. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/248995274\\_A\\_White\\_Side\\_of\\_Black\\_Britain\\_The\\_Concept\\_of\\_Racial\\_Literacy](https://www.researchgate.net/publication/248995274_A_White_Side_of_Black_Britain_The_Concept_of_Racial_Literacy). Acesso em: 5 jun. 2021.

VETTER, A.; HUNGERFORD-KRESSOR, H. 'We gotta change first': racial literacy in a high school english classroom. **Journal of Language and Literacy Education**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 82-99, 2014. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1030714.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2021.

ZIWELENE, Z.; MANDELA, Z. **Vovô Mandela**. Tradução: Dandara Palankof. Cotia, SP: Vergara & Riba, 2018.